

CARLOS GOMES POR RUBEM FONSECA

Mergulho no universo de um selvagem da ópera

TEREZINHA SCHER PEREIRA
PROF. DE LITERATURA - UFJF

O novo romance de Rubem Fonseca - *O selvagem da ópera* - não escapa à concepção de narrativa enquanto "truque", comum aos ficcionistas contemporâneos, incluindo-se aí o próprio autor. Nesse romance o "fingimento" da enunciação deve-se ao arranjo da narrativa como se fosse um texto básico para a composição de um roteiro de filme. Acontece que esse texto básico é uma biografia de Carlos Gomes, um dos poucos artistas brasileiros a ter carreira e projeção internacionais.

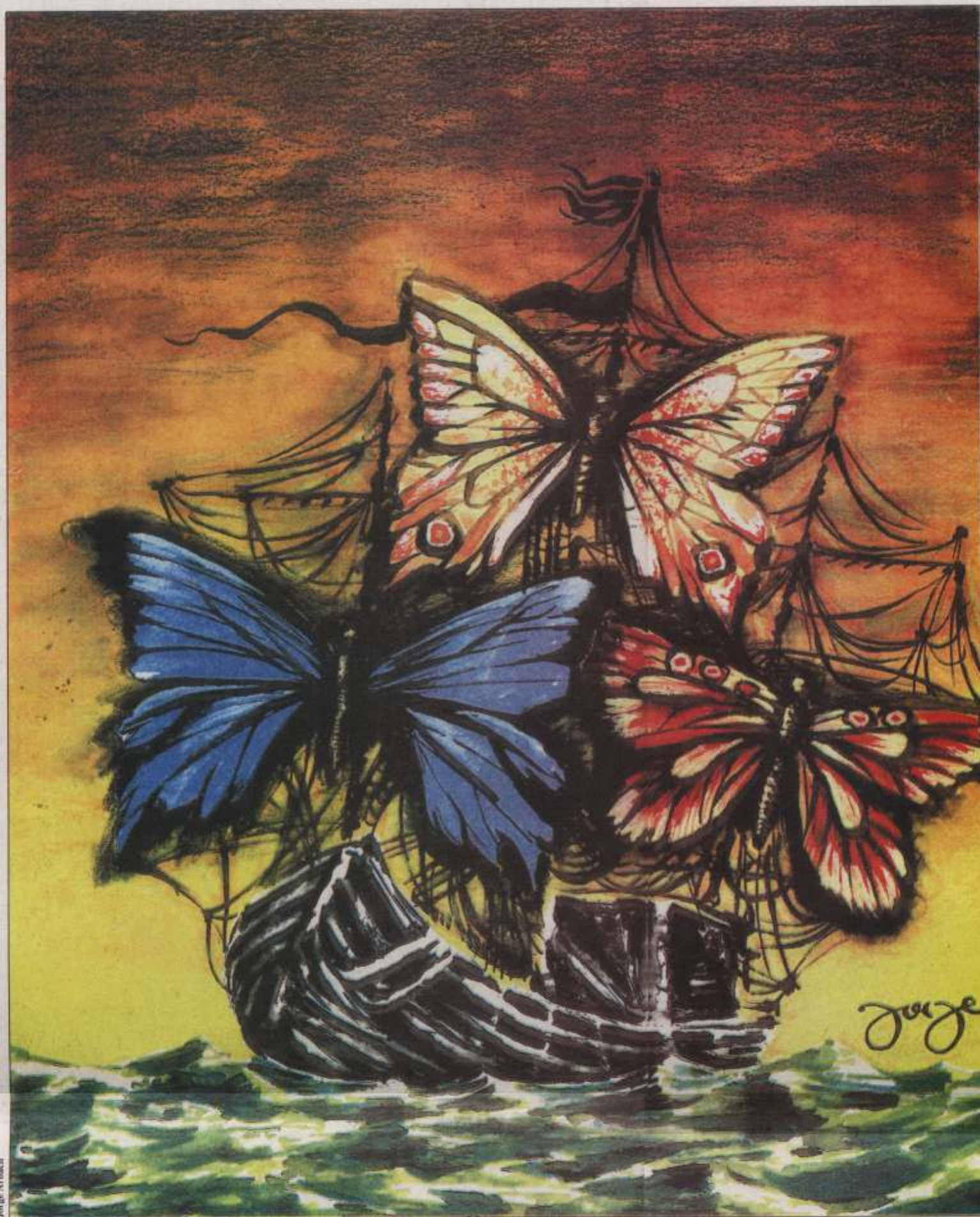
Em dada altura, quando comenta a feitura da ópera *O Guarani* - a mais famosa do maestro, talvez a única tornada popular no Brasil - o narrador faz alusão à dificuldade sentida pelo libretista italiano na adaptação do romance homônimo de Alencar. Em seguida refere-se à sua própria dificuldade de compor o texto para o filme, já que teria de contar com o romance, o libreto, a ópera, a história da ópera (sua repercussão em seu tempo e posteriormente). Ainda não é tudo. O narrador continua a imaginar que o roteirista do filme terá ainda mais textos com que se ocupar, já que a todos aqueles preliminares acrescentar-se-á o texto básico que está sendo redigido. Que será então do diretor do filme para quem obviamente o roteiro não será suficiente, nem exclusivo.

O leitor já pode imaginar que a biografia de Carlos Gomes - que é afinal a matéria do romance - é um pretexto no jogo discursivo que encontra seu sentido justamente na prática do deslocamento contínuo que revela.

O deslocamento - mola textual - sugere o deslocamento do músico brasileiro mais famoso do século XIX, que vivia em trânsito entre Europa e Brasil, sempre na penúria, sempre com dificuldades de toda ordem, querendo compor como Verdi, na terra de Verdi. O músico brasileiro, segundo Rubem Fonseca, tinha sido destinado pelo imperador D. Pedro II (a quem Victor Hugo se recusa a visitar em Paris) para fazer o nome do Brasil brilhar "lá fora".

O narrador de Rubem Fonseca desnuda, através de leve ironia, o pobre anedotário cultural do Segundo Reinado, mas conserva uma discreta simpatia pela personalidade artística e humana de Carlos Gomes, que parece não ter tido muita escolha no Brasil de seu tempo. Na verdade o autor soube bem explorar o motivo biográfico ao dar ao público uma obra ao mesmo tempo séria e instigante, seja quando denuncia a nossa formação social, seja quando acompanha como um voyeur a vida íntima de Carlos Gomes.

Tudo isso talvez tenha contribuído para que o livro seja daqueles que se lêem de uma só vez com sério interesse, com divertida curiosidade.



Jorge Arbach

HELENA MEIRELLES

Violeira revela o outro lado do Brasil

JORGE SANGLARD
REPÓRTER

A riqueza musical brasileira é capaz de surpreender até mesmo o mais otimista dos cultores da MPB. Mas, apesar da versatilidade e da qualidade de nossos instrumentistas e de nossa criação musical, o mercado fonográfico não reflete o potencial do dos sons e dos cantos do Brasil. A violeira matogrossense Helena Meirelles, revelação musical tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, só aos 70 anos conseguiu lançar seu primeiro disco e conquistar uma legião de admiradores aqui e lá fora. Assim, a gravadora Eldorado está lançando uma preciosa obra o CD "Helena Meirelles", produzido por Mário de Araújo.

A vida de Helena Meirelles é uma aventura pelo outro lado do Brasil. Nascida numa sexta-feira, 13 de agosto, em 1924, na fazenda Jararaca próximo a uma estrada boiadeira ligando Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, ao Porto 15, Helena cresceu ouvindo a sonoridade do rasqueado e da polca, mas a rigidez dos costumes da época levou seus pais a proibirem o sonho da menina, afinal: "Mulher que aprender a tocar vai roçar nos homens e virar sem-vergonha". Depois de 32 anos vivendo no Pantanal e sem contato com a família, Helena Meirelles foi reencontrar uma irmã, Natália, em São Paulo. Segundo o sobrinho Mário de Araújo, a viola continuava como companheira inseparável mas a pobreza e a doença marcavam definitivamente a trajetória da violeira.

Uma fita enviada por Mário



■Revelação musical

Aos 70 anos, a violeira matogrossense Helena Meirelles seduz o Brasil e os EUA.

de Araújo à revista norte-americana *Guitar Player* abriu alas para o resgate da violeira com o prêmio spotlight artist, ou seja revelação, em novembro de 1993. Assim, o Brasil passou a reconhecer o valioso contributo cultural que representavam os sons rústicos e o canto híbrido de Helena Meirelles. Ao ser incluída numa relação dos 100 mais da respeitada revista norte-americana, a violeira do Pantanal conquistou espaço nobre ao lado de estrelas do rock, do jazz e do blues, do porte de Eric

Clapton, John McLaughlin, Keith Richards, Jeff Beck, Steve Ray Vaughan e George Benson, entre outras feras.

No CD, Helena Meirelles mostra domínio na viola caipira, no violão, no violão dinâmico e ainda canta, apesar de enfrentar problemas pulmonares. Mas o produtor Mário de Araújo reservou outras surpresas ao incluir cinco histórias e causos pantaneiros fechando o disco. Acompanham Helena os violonistas Milton Araújo, Francisco Machado e Montanhês.

CONTOS REUNIDOS

Um retrato, infelizmente fiel, do Brasil

GILVAN P. RIBEIRO
PROF. DE LITERATURA - UFJF

A publicação dos *Contos Reunidos* de Rubem Fonseca pela Companhia das Letras é altamente elogiável, em todos os sentidos. Embora os contos de Fonseca estejam disponíveis em sucessivas edições de todos os livros, desde *Os Prisioneiros*, de 1966, até *Romance Negro*, de 1993, a reunião dos contos num só volume possibilita uma leitura conjunta, que permite apreciar, destacar e aprofundar linhas temáticas, variações de construção, diversidade de pontos de vista, numa só mirada.

O que se tem destacado sempre, nas leituras críticas da obra de Fonseca, é o grau de violência explícita que contém. Neste sentido, um ponto merece destaque: a violência, chocante pelas situações, se torna ainda mais densa e agressiva pela linguagem que a desvela. É uma linha de leitura instigante essa, a de buscar na linguagem narrativa a explosão da violência que borra todas as expectativas de um falar "politicamente correto". Personagens e narradores violentam a linguagem bem comportada das camuflagens sociais, mesmo que, muitas vezes, a narração tenha o ritmo e o bom tom das crônicas da vida mundana dos saciados. Pode-se constatar, com facilidade, estas afirmações, em contos como "Passeio Noturno I" e "Nau Catrineta", do livro *Feliz Ano Novo*, entre outros.

Outro aspecto que merece destaque nos contos de Rubem Fonseca são as repetidas incursões pela História do Brasil. Bem humoradas, estas incursões resgatam sugestões de nossa vida literária ("H.M.S. Cormorant em Paranaguá"), da Guerra do Paraguai ("A Caminho de Assunção"), da relação folclore brasileiro/tradição do romance medieval português ("Nau Catrineta"), além da elaboradíssima relação intertextual com Joaquim Manoel de Macedo em "A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro". Observe-se, ainda, com destaque, "A recusa dos carneiros", em que a questão da pena de morte é inserida numa perspectiva histórico-social altamente irônica e cruel.

Já que falamos em relações intertextuais, é outro elemento permanente dos contos de Fonseca a merecer atenção. Os textos são todos permeados de citações, epígrafes, referências variadas, que desafiam a argúcia do leitor. É como se os textos se constituíssem a maneira de labirinto, intrincado, em que as pistas semeadas abrem veios magníficos a serem explorados, engodo para o leitor e, ao mesmo tempo, chave para muitas motivações.

Vale ainda chamar a atenção para o conto "Intestino Grosso", em que se descobrem algumas indicações para a leitura de Fonseca. A entrevista do escritor fictício sugere roteiros possíveis para os textos, globalmente considerados, e permite inclusive aprofundar a discussão sobre a obscenidade e a pornografia nas obras de arte.

Rubem Fonseca merece uma re-leitura, sempre. Ou uma primeira aproximação, ainda que tímida, hesitante. No caso específico de Juiz de Fora, o contato com a obra do escritor pode ser, bairristamente, transformado em motivo de gozijo. Afinal, ainda que por mera casualidade, o seu tanto irônica, o escritor nasceu aqui e pode, com certeza, ser alvo de todos os elogios possíveis.

FONSECA, Rubem. *Contos Reunidos*. Organização Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 777p.

O selvagem da ópera